

Trajetos: Passos aquarelados pela cidade

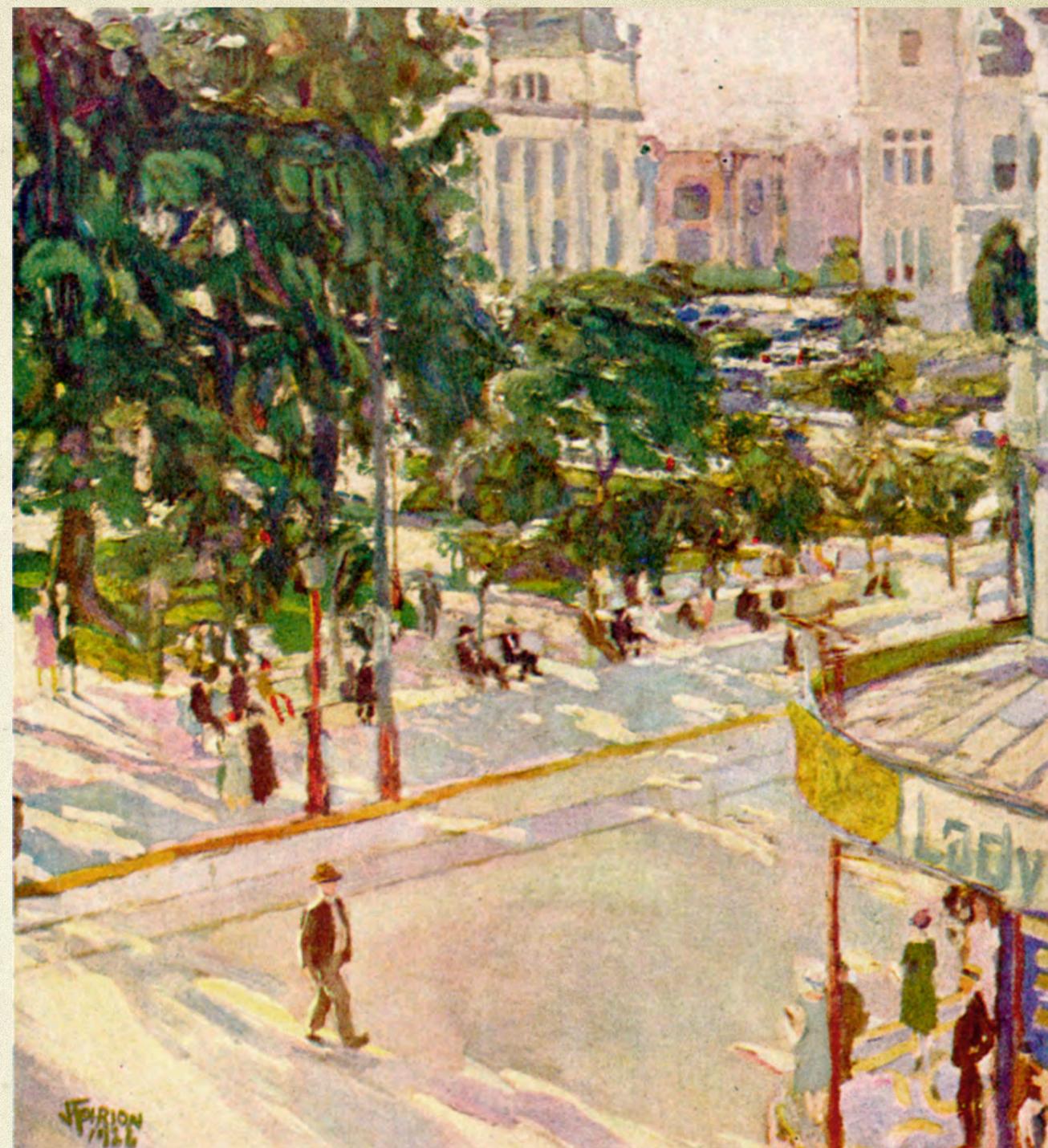
Pontos de interesse: Centro Histórico de Porto Alegre, Praça da Alfândega, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, Farol Santander, Clube do Comércio, Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Casa de Cultura Mário Quintana, Museu do Exército, Praça do Tambor, Museu do Trabalho, Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Praça da Matriz e arredores, Biblioteca Pública do Estado, Mercado Público, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.

Início: Praça da Alfândega, Centro Histórico de Porto Alegre.

Fim: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes da UFRGS, Rua. Sr. dos Passos, 248 no Centro Histórico de Porto Alegre.

Contexto: Praça da Alfândega, visitando as Instituições de Memória do perímetro (Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, Farol Santander), continuando em direção ao encontro das ruas Caldas Júnior e Andradas (e, se o leitor escolher por um breve desvio, seguindo o andar na rua pelo Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Casa de Cultura Mário Quintana, Museu do Exército, Praça do Tambor, Museu do Trabalho). No início da Caldas Júnior, a vista dos jardins do Arquivo Público, subindo então a R. Riachuelo em direção a Praça da Matriz e arredores, após, descendo a R. General Câmara (Biblioteca Pública do Estado, Sebos, Livrarias) até se encontrar novamente no ponto de partida. Segue-se então, em vias de finalização, em direção ao Mercado e ao Terminal Parobé.

Autora: Laura Aggens Schmidt, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





Sonhe em aquarelas e caminhe descalço pelas memórias de uma cidade. O percurso que proponho é breve, talvez, no sentido de que pouco deve demorar se marcá-lo no tempo de um relógio. Já o fiz incansáveis vezes e confesso inclusive que devo-o ter começado como muitos, perdida, mas apressada, presa nas tarefas e prazos da rotina, dos passos que são contados pelos ponteiros do relógio...

É por isso que desenho este caminho de forma curta: afinal, pouco permite a rotina os minutos de contemplação, de repouso... de olhar cuidadosamente ao que há ao redor de nossos passos. O convite para um caminhar descalço não deve ser tomado literalmente, por favor! Escrevo rápido, mas sem esquecer que o descuido aqui não cabe. O convite é para descalçar estes sapatos que nos prendem ao presente e deixar levar, mesmo que a breves minutos, o pisar em camadas mais distantes, pelas ruas de Porto Alegre.

O início deste trajeto é inspirado por uma aquarela de João Fahrion, que traz uma cena do cotidiano nas ruas que dão acesso à Praça da Alfândega, no Centro Histórico. É por ela que começamos. Escolha qualquer uma: Siqueira Campos, Sete de Setembro, a Caldas Júnior... a Rua dos Andradas, que um dia já foi Rua da Praia. Afinal, existe jeito errado de entrar em uma praça?

Algo, bem, até um pouco inconveniente, por vezes, da aquarela é que seus pigmentos moldam-se à água. Desmancham-se. Borram. Renascem. Daqui a pouco, sorratamente, um lindo amarelo ressurgir de seu esconderijo, abre caminho entre as gotas molhadas... fica, por enquanto. Caminhar despreziosamente é um pouco assim: quais dos meus passos encontram uma pedra, uma esquina, uma casa... direto do passado?

Lembro-me, acredito que de forma um pouco querida, de crônicas lidas da cidade. Palavras que não são minhas, um tempo que não é meu. Os lugares, bem... estes também não foram. Mas há, de certa forma, um vento que as carrega, em memória. Será que já vivi tanto tempo para falar sobre como mudou o tempo ao meu redor? Talvez não. Mas vi as marcas de águas mais altas que eu surgirem nos prédios, a rua virar rio, lama, esgoto... e rua outra vez. Há, se não, no final destes meses, o que persiste. Mas forma-se um cenário um pouco engraçado, também: vegetações que antes verdes, agora já mortas; ruas e fachadas

abandonadas, vazias de onde conheci apenas uma cacofonia esbravejante, outras distopias que seguem quase intocáveis... caso não houvesse visto imagens. Mas será que vi, mesmo? Há ainda os prédios que recebem roupa nova, pintura, reformas, como se fossem apagar os vestígios que existem à sua volta.

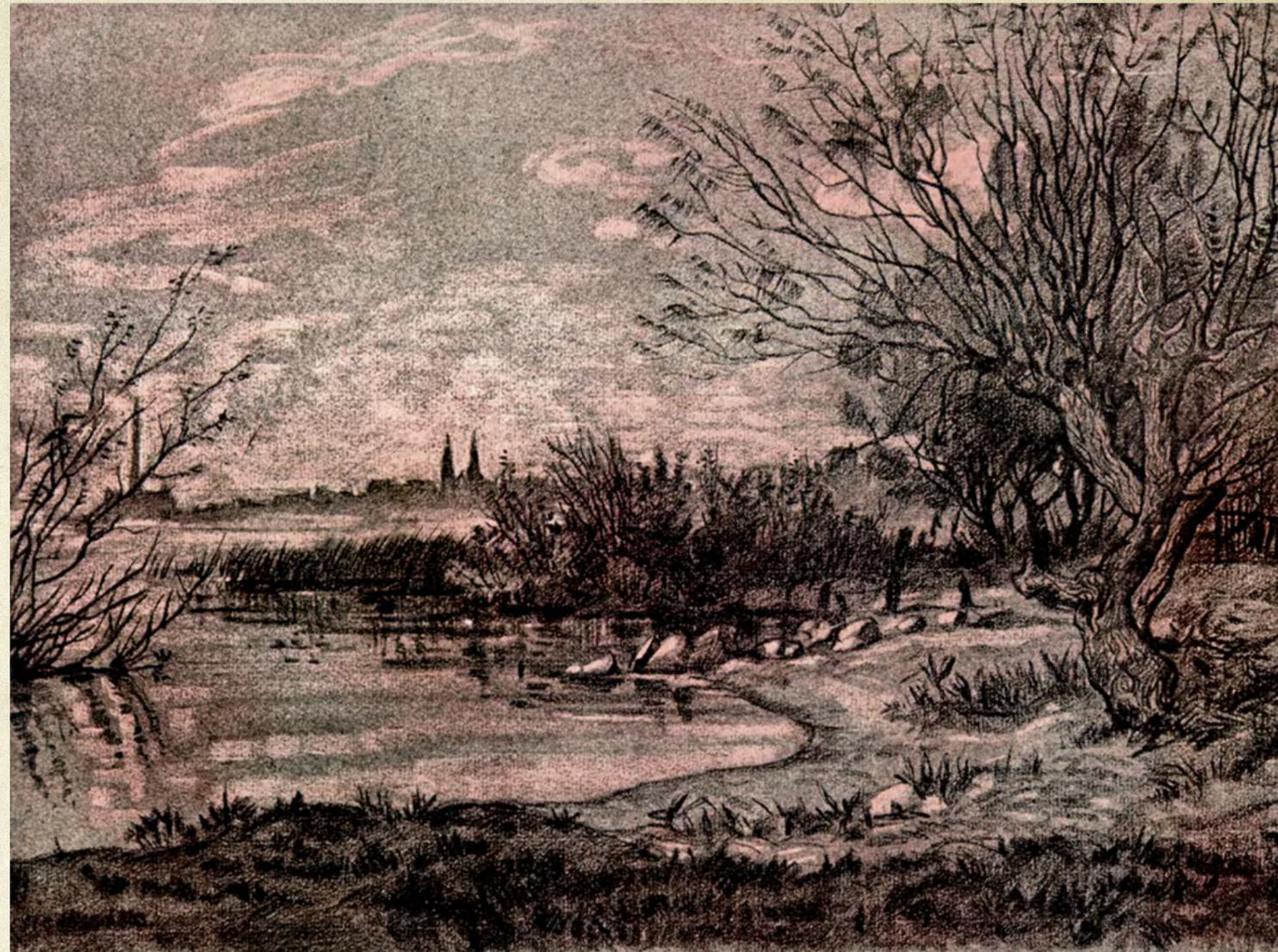
Mas voltemos aos museus novamente: já falei que este era um texto sobre memória? Em uma conversa num Uber, uma vez, surgiu a pauta: ela gostava de museus, mas achava que Porto Alegre tinha poucos... passei então a recitar os mais famosos que me lembrava, lista formando, quase roteiro turístico - se estes abriam após horário comercial e são acessíveis é inteiramente outra coisa, e foi dessa que seguiu aquela conversa. Mas a verdade é que, deixando de lado a lista dos mais conhecidos e da especificidade da denominação "Museu", são tantas as camadas de memória na cidade que seria até mesmo inconsistente não vê-los quase a cada esquina, no próprio bairro que ficou histórico.

É completamente possível, também, que este seja um caso apenas meu: afinal, quem estuda a memória, tempo, cidade... há de vê-las em todos os cantos. Mas se fores na Praça da Alfândega, por exemplo, poderia muito bem iniciar um percurso por alguns cinco ou seis museus e arquivos, andando apenas umas, duas ou três quadras para cada lado. Nem isso! Começamos na praça mesmo, com o Museu de Arte e o Museu Antropológico. Ainda, o Farol que já foi banco. Se tiver sorte, percursos de história passam pela Pegada Africana. Há o Clube do Comércio que, apesar de parecer apenas um restaurante, é um pouco interessante para quem já folheou revistas em que ali era onde as coisas aconteciam. Atravesse a esquina, e lá na Andradas está o Museu de Comunicação. Subindo a rua, o Arquivo Público do Estado... você já viu aquele jardim?

Mas volte duas casas. Isso não lembra aqueles jogos de tabuleiro? Aqui, no caso, são outras ruas. Na General Câmara, no outro lado da praça, vivem ainda os pequenos sebos que guardam tesouros. Vire à esquerda, siga mais os livros na Riachuelo... cafés, relógios antigos ou espadas. Se bem que para a biblioteca no encontro de esquina entre as duas, descem as palavras e as páginas em outubro, vive então a praça nova vida: e quem não vive com uma feira do livro?

Se quiseres, caro leitor, feche o circuito... ou ande mais um pouco. Foi apenas recentemente que descobri que, no monumento na Matriz, alguns dos bichos são cachorros, veja bem! O quanto anda uma memória? Tropeça, pula... Se esse é um passeio que pode ser feito, que existe em um só tempo ou se junta a uma colcha de retalhos, guardados e vividos, é você que me diga. Certo dia, não faz tempo, "achei" com uma grande amiga alguns murais pela cidade. E lá se vai outra viagem, aos escultores camuflados que aqui fizeram passagem. Outra, me apontou um prediozinho, muito arrumadinho, em uma saída: "aquele, diz, era o primeiro hotelzinho da cidade". Vibram astramas da memória por ritmos coloridos.

Já eu, sigo caminho, me despedindo no mercado. Sinto que cumpro a promessa de um breve trajeto, mas para quem os olhos chamarem, é subindo a Marechal Floriano, até a Av. Otávio Rocha, dobrando à direita na Rua Sr. dos Passos, no número 240, que se encontram as outras aquarelas, onde alguns dos artistas que aqui apenas brevemente pincelaram, já passaram. Se delas gostou, é possível que lá encontre mais, não apenas da cidade, mas de seus próprios passos.







1939. ALEGN



